

Variedades linguísticas da imigração germânica no Brasil: vitalidade, glotopolítica e território

*Language varieties of Germanic immigration in Brazil: vitality, glottopolitics and
territory*

Mônica Maria Guimarães Savedra*
Universidade Federal Fluminense
Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Leticia Mazzelli**
Universidade Federal Fluminense
Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Este artigo discute os processos de vitalidade, pertencimento e territorialidade identificados no uso de variedades linguísticas germânicas do *Hunsrückisch*, em Petrópolis, Rio de Janeiro e do Pomerano, em Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo, ambas trazidas para o Brasil no contexto de imigração do século XIX. Utilizamos a abordagem glotopolítica (GUESPIN; MARCELLESI, 1986; LAGARES, 2018) e os conceitos de línguas *Abstand* e *Ausbau* (KLOSS, 1967) para tratar do desenvolvimento, linguístico e cultural dessas variedades. Apresentamos os resultados de pesquisas conduzidas pelo LABPEC (Laboratório de Pesquisa em Contato Linguístico) da Universidade Federal Fluminense (UFF), em parceria com o grupo B/Orders in Motion da Europa Universität-Viadrina (EUV) em dois contextos de imigração distintos: um urbano e um rural. Discutimos a vitalidade linguística (SIMONS; LEWIS, 2013; LEWIS; SIMONS, 2010, 2017; UNESCO, 2009; FISHMAN, 1991) com base em critérios sociolinguísticos mensuráveis, que estão relacionados com fenômenos próprios do contato linguístico tais como perda, manutenção e revitalização e, também, com ações glotopolíticas de ordem comunitária e institucional.

Palavras-chave: Variedades linguísticas germânicas. Vitalidade linguística. Glotopolítica. Território.

Abstract: This paper discusses the processes of vitality, belonging and territoriality identified in the use of Germanic language varieties of *Hunsrückisch*, in Petrópolis, Rio de Janeiro and Pomeranian, in Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo, which were brought to Brazil in the context of the 19th century immigration. We use the glottopolitical approach (GUESPIN; MARCELLESI, 1986; LAGARES, 2018) and the concepts of *Abstand* and *Ausbau* languages (KLOSS, 1967) to address the linguistic and cultural development of these language varieties. In this paper, we present the results of research conducted by LABPEC (Laboratory for Research in Linguistic Contact) of Fluminense Federal University (UFF), in partnership with the B/Orders in Motion group of Europe Universität-Viadrina (EUV), in two different immigration contexts: an urban one and a rural one. We discuss language vitality (SIMONS; LEWIS, 2013; LEWIS; SIMONS, 2010; UNESCO, 2009; FISHMAN, 1991) based on community and institutional glottopolitical actions and also on measurable sociolinguistic criteria which involve language contact phenomena such as loss, maintenance and revitalization.

Keywords: Germanic language varieties. Language Vitality. Glottopolitics. Territory.

* Professora Associada da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil e pesquisadora do CNPq e da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). E-mail: msavedra@id.uff.br.

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil, bolsista CAPES. E-mail: lmazzelli@id.uff.br.

1 VARIEDADES LINGUÍSTICAS SOB A PERSPECTIVA DAS LÍNGUAS *AUSBAU* E *ABSTAND*

É pertinente ressaltar inicialmente, que escolhemos utilizar o termo *variedade linguística* por entendermos que a distinção *língua-dialeto* não é linguística, mas sim social e política, uma vez que tratamos variedade como um modo de falar integrado na matriz pluridimensional total de variação da língua, como já proposto por Weinreich (1954).

Assim, partimos dos conceitos de línguas *Abstand* e *Ausbau*, apresentados por Kloss (1967) para embasar a discussão sobre o contexto atual em que o *Hunsrückisch* e o Pomerano, variedades germânicas abordadas no presente artigo, estão inseridas em território brasileiro e trazidas em contexto de imigração no século XIX.

Línguas *Abstand*, que podem ser traduzidas como *línguas por distância* ou *línguas independentes*¹, são variedades desenvolvidas pelo processo de *Abstand*, termo alemão que significa uma distância de separação em curso, o que indica a descontinuidade entre duas variedades linguísticas. Kloss (1967) acredita que ocorra uma "*ruptura definitiva*" entre as variedades, implicando na compreensão e na intercompreensão mútua de duas variedades linguísticas, sobretudo na área estrutural dos idiomas. O autor ainda enfatiza que a distância mencionada é a intrínseca, e não a geográfica. O distanciamento estabelecido por Kloss refere-se ao fato de que as línguas podem ser definidas como línguas por sua distância em relação a outras.

As línguas *Ausbau*, em contrapartida, podem ser definidas como línguas construídas por desenvolvimento. O verbo alemão *ausbauen*, que significa "para construir", expressa os principais significados de "expandir" algo ou "ampliar" até a conclusão, como, por exemplo, adicionar elementos a uma estrutura já existente. Em seu texto de 1967, Kloss utiliza o termo *Ausbau language* (língua por desenvolvimento) ao se referir ao desenvolvimento de uma variedade padrão que ocorre a partir de um *continuum*, o autor afirma que as línguas desta categoria são moldadas ou reformuladas, são línguas construídas². Ainda entendemos por essa definição, que as variedades *Ausbau* podem significar "variedades elaboradas" a partir de uma [língua] matriz com a necessária infraestrutura: o planejamento de *corpus* e de *status*, quer dizer, dos processos de codificação, standardização e normalização, que culminam com o uso funcional da variedade resultante em contextos comunicativos da administração, nos meios de comunicação de massa, no sistema escolar, na vida política, entre outros. Para o autor, línguas *Ausbau* são variedades autônomas padronizadas e, em alguns casos, foram criadas a partir de variedades linguísticas para fins de constituição política de países, citando como exemplo as variedades do luxemburguês (variedades de *Moselle Franconian*), usadas em regiões de fronteira da Alemanha e da França. Finalmente, afirma que as línguas *Ausbau*

¹ "The term *Abstandsprache* is paraphrased best as 'language by distance', the reference being of course not to geographical but to intrinsic distance" (KLOSS, 1967, p.29).

² "The term *Ausbau*sprache may be defined as 'language by development'. Languages belonging in this category are recognized as such because of having been shaped or reshaped, molded or remolded – as the case may be - in order to become a standardized tool of literary expression. We might say that an *Ausbau*sprache is called a language by virtue of its having been reshaped, i.e., by virtue of its 'reshapedness' if there were such a word" (KLOSS, 1967, p.29).

podem ser tão diferentes que chegam a constituir variedades *Abstand* distintas, como o caso do neerlandês e do alemão, ambas variedades linguísticas germânicas.

As decisões em torno da elaboração, ou de como *equipar* (CALVET, 2007) uma variedade linguística, tornando-a uma língua *Ausbau*, podem ser entendidas como ações glotopolíticas.

Guespin e Marcellesi (1986) afirmam que a abordagem glotopolítica surge para designar os vários enfoques que uma sociedade tem em relação às ações sobre a linguagem, tanto as conscientes como as não conscientes. Os autores mencionam que o termo *glotopolítica* “é necessário para englobar todos os fatos de linguagem em que a ação da sociedade toma a forma do político” (GUESPIN; MARCELLESI, 1986. p. 5, tradução nossa)³. Esses fatos de linguagem tratados pelos autores, podem ser tanto no âmbito da língua (*langue*), como na criação de uma escrita para uma variedade até então ágrafa, ou no âmbito da fala (*parole*), quando uma variedade é proibida ou estigmatizada a partir de uma política linguística (MAZZELLI, 2018b). Ainda sobre a abordagem glotopolítica, Lagares (2018) corrobora as afirmações de Guespin e Marcellesi (1986) e destaca que todas as decisões sobre a linguagem produzem -e são - efeitos glotopolíticos.

Seguindo a perspectiva de que a *construção* da vitalidade de uma língua em um dado território ocorre através de ações glotopolíticas, desenvolvemos nosso estudo em relação ao uso de variedades linguísticas germânicas e contextos de imigração aqui delimitados.

As línguas germânicas foram introduzidas no Brasil pelo movimento de imigração durante o início do século XIX com a chegada dos primeiros colonos, até aproximadamente a segunda metade do século XX⁴. A seguir, trataremos do *Hunsrückisch* na localidade de Petrópolis, Rio de Janeiro.

1.1 VARIEDADE GERMÂNICA DA IMIGRAÇÃO EM PETRÓPOLIS

O estado do Rio de Janeiro é reconhecido como um dos primeiros estados do país a receber os imigrantes germânicos. Em 1818, ainda no Brasil Colônia, o governo de Dom João VI foi responsável pelo assentamento de famílias germânicas nas serras fluminenses e, em 1820, imigrantes germânicos da atual região da Suíça fundaram a colônia de Nova Friburgo. A fase seguinte da imigração alemã no estado ocorre no Brasil Império com a chegada do navio Justine em 1837, quando teve início a imigração germânica em Petrópolis, local de nosso estudo.

O município de Petrópolis situado a 59 km da capital Rio de Janeiro é conhecido como a cidade Imperial e por muitos também chamada de a *Versailles Brasileira*.

Com base na bibliografia consultada nos arquivos do município durante os anos de 2015 e 2016 e com a compilação do depoimento dos informantes de nossa pesquisa. Fica registrado que o Major Koeler é reconhecido como o grande responsável pela

³ “*Glottopolitique est nécessaire pour englober tous les faits de langage où l'action de la société revêt la forme du politique.*”

⁴ Cf. GREGOR, V., 2000.

elaboração do projeto da colônia alemã em Petrópolis. O Major Julius Friedrich Koeler⁵, nascido na Mogúncia (*Mainz*) atual, capital da Renânia Platinado (*Rheinland-Pfalzer*) na Alemanha, chegou ao Brasil em 1828, casou-se com uma brasileira e naturalizou-se em 1831. Koeler foi responsável pela construção do Palácio Imperial, pela urbanização da cidade e pelo trabalho na abertura da estrada na Serra da Estrela e no rio Paraíba do Sul. O Major firmou um acordo com a Sociedade Colonizadora do Rio de Janeiro para contratar os imigrantes para a construção da Estrada Normal da Estrela. Esses colonos trabalharam primeiro no Meio da Serra e depois foram para o Itamarati. Os imigrantes, no entanto, se estabeleceram em Petrópolis para realizar o plano urbanístico de Koeler, o que torna a imigração germânica neste local uma imigração preferencialmente urbana. (SAVEDRA; ROSENBERG, 2019).

A chegada dos próximos imigrantes para trabalhar na construção civil no Rio de Janeiro foi planejada pelos presidentes da província, João Caldas Viana e Aureliano Coutinho. Construíram estradas e limparam o terreno para construir casas e plantar hortas; trabalharam também nas obras públicas, mudando traçados geográficos e construindo os prédios da cidade. No final de dezembro de 1846, a população do município ascendia a quase 2.300 pessoas.

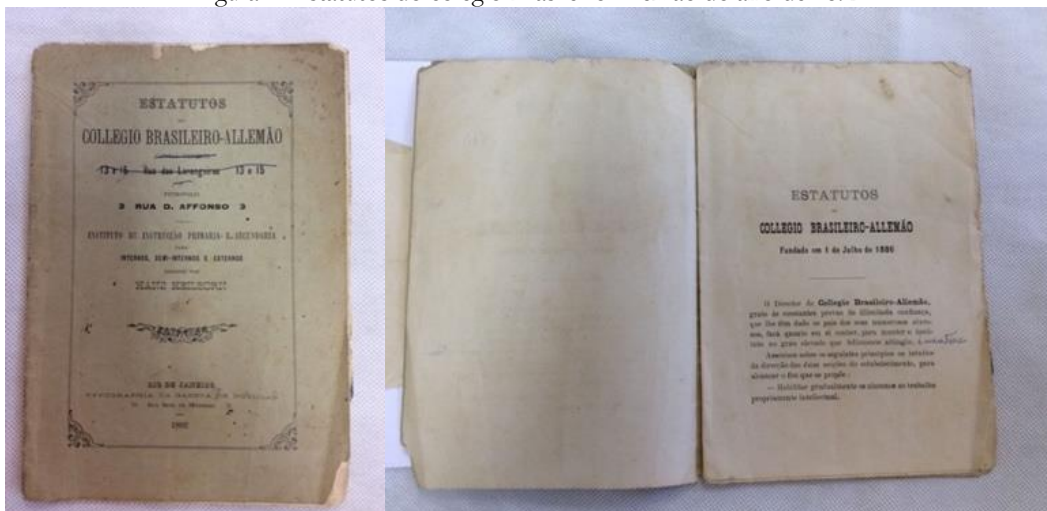
Para que se sentissem em casa e se lembrassem de sua terra natal, Koeler decidiu nomear os bairros da cidade com topônimos das regiões de origem dos imigrantes, i.e., os atuais estados de *Rheinland* e *Hessen*: *Kastellaun* (atual Castelânea), *Mosel* (atual Mosela), Bingen, Nassau, Ingelheim, Woerrstadt, Darmstadt, Rheinland (atual Renânia), Platinado, Westphalia etc. Também homenageou os colonos de outras nacionalidades ao nomear os bairros Francês, Suíço e Brasileiro. A presença dos imigrantes na cidade é até hoje notada pelos nomes de ruas e praças, pelo nome das famílias de imigrantes, que são gravados no Obelisco em homenagem ao Major Koeler situado na avenida central. Atrás do Obelisco, encontramos o nome das Famílias dos primeiros imigrantes do município, que foi o ponto inicial de nossa investigação para identificar os informantes-chave.

Em análise documental que se constituiu de duas partes: uma nos arquivos do município de Petrópolis e a outra no *Stadtarchiv Mainz* (Arquivo da Cidade de Mainz), compreendendo cópias digitalizadas de documentos de emigrantes daquela região, especialmente passaportes ou cartas de autorização de viagem (*Reisepass*) da época da emigração para o Brasil, Rio de Janeiro. Estes documentos apresentam informações detalhadas, como data e local de nascimento, profissão, religião, local de destino, locais intermediários até a chegada do destino, traços físicos, etc. Em suma, a análise documental foi realizada a partir da consulta de documentos físicos e digitais sobre a história desta imigração, em particular a destinada ao município de Petrópolis. Foi então que concluímos que este contexto de imigração trouxe como variedade germânica o *Hümsrückisch*. A variedade dialetal da região de origem do major Koeler, responsável pela imigração do município. Entretanto, como já demonstrado historicamente, o contexto da

⁵ Suboficial do exército prussiano contratado para servir no Exército Imperial do Brasil. Após a demissão de oficiais estrangeiros não naturalizados, foi contratado como engenheiro civil pela Província do Rio de Janeiro (TAULOIS, 2019).

imigração germânica em Petrópolis foi um contexto de imigração urbana. Fato comprovado pelos documentos disponíveis no arquivo do município. E, por ser uma imigração urbana, com necessidades de comunicação oficial, os documentos que encontramos comprovam o uso funcional linguístico da língua alemã *standard* da época. Tanto nas cartas e correspondências entre Brasil e Alemanha, como em jornais bilíngues que circulavam no município e, especialmente nos estatutos do Colégio Brasil-Alemanha, fundado em 1892 como na figura a seguir.

Figura 1: Estatutos do colégio Brasileiro-Alemão do ano de 1892.



Fonte: Museu Histórico da cidade de Petrópolis

Nos estudos sobre imigração germânica no Brasil, identificamos que os usuários do *Hunsrückisch* não permaneceram em Petrópolis. Eles foram em sua maioria para os estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e ainda para o Espírito Santo, como está descrito no inventário do *Hunsrückisch* (IHLBrI), concluído em 2018 e disponibilizado em publicação on-line, coordenada por Cléo Altenhofen e Rosângela Morello. (ALTENHOFEN et al. 2018).

Desde 2010, o *Hunsrückisch* é reconhecido pelo INDL (Inventário Nacional da Diversidade Linguística). A partir de então, a variedade é considerada uma Língua do Brasil e considerada patrimônio cultural em diferentes ações legislativas: a) como patrimônio cultural imaterial de Santa Catarina, pela Lei Estadual nº 16.987, de 03 de agosto de 2016; b) como língua cooficial no município de Antônio Carlos (SC) pela lei 132 de 21 de setembro de 2010; c) declarada patrimônio histórico e cultural do município de São Pedro de Alcântara (SC) pela lei 1.001 de 21 de setembro de 2015 e d) inserido nas escolas de Santa Maria do Herval (RS) pelo decreto 005 de 5 de fevereiro de 2009. (ALTENHOFEN et al. 2018).

Quanto à origem sócio-histórica e geográfica, Altenhofen afirma no texto do Inventário que o:

Hunsrückisch pode ser visto como a denominação comumente dada pelos falantes a uma variedade do alemão proveniente da região de mesmo nome, o Hunsrück. Essa região engloba, uma área de elevação situada entre Bingen, Trier e Koblenz, na Renânia Central, centro-oeste da Alemanha. (ALTENHOFEN, 2018, p. 23).

No que se refere à base linguística de partida, remetendo ao que vimos anteriormente quanto ao conceito de línguas *Abstand* de Kloss, Altenhofen afirma que:

Quando se fala da origem geográfica de uma família de imigrantes, essa equivale ao mesmo tempo a uma origem linguística, ou melhor, a uma área dialetal do alemão. Isso significa que as famílias imigrantes do séc. XIX traziam em sua bagagem cultural o repertório linguístico da sua localidade e região de origem, que incluía provavelmente o dialeto aí falado e que acrescentava os conhecimentos – mesmo que apenas parciais – da norma culta do alemão standard que, nesse período, equivalia ao *landschaftliches Hochdeutsch*, ou seja, uma norma de oralização regional em processo de “normalização” no uso coletivo, graças à influência crescente da língua escrita (ALTENHOFEN et al. *opus cit*, 2018, p. 28, *apud* SCHMIDT, 2017[2005]).

Quanto à presença do *Hochdeutsch* no repertório dos imigrantes foram para região Sul do Brasil, Altenhofen reforça a posição de que “quem emigrava era aquele que sabia ler”, o que fica comprovado nos acervos de cartas de imigrantes do projeto ALMA-Histórico⁶ e foi também reforçado em nossa pesquisa no município de Petrópolis pelos documentos encontrados, onde alemão *standard* era a variedade usada para comunicação.

No que se refere ao conceito de glotopolítica, o estudo desenvolvido para o IHLBrI mostra que a história de formação do *Hunsrückisch* está estreitamente ligada aos contatos linguísticos, às migrações e à função que essa língua de imigração exerceu como norma de oralização local, isto é, como língua da interação diária nos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Espírito Santo e a mesma não se desenvolveu no estado do Rio de Janeiro.

Nos contextos de imigração onde a variedade é identificada em uso, o *Hunsrückisch* assumiu a função de língua comum da interação diária entre os diferentes grupos de imigrantes. Altenhofen (2018) ainda complementa nesta publicação a semelhança e vinculação topodinâmica da variedade com o médio alemão, e mais especificamente da área do centro-oeste (*Westmittelddeutsch*). E, no que se refere ao repertório linguístico dos imigrantes em diferentes pontos da pesquisa do Inventário, identifica inúmeras evidências da associação do *Hunsrückisch* com a norma local do *Hochdeutsch*, ou pelo menos como variedade mais próxima, por quem provinha de áreas fora de seu eixo, como o baixo-alemão⁷, como em algumas situações que encontrou no estado do Espírito Santo, quando

⁶ Projeto ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata. O Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA) é um macroprojeto desenvolvido em conjunto pelas áreas de Romanística (da Christian-Albrecht-Universität de Kiel – CAU, Alemanha) e Germanística (do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Brasil), sob a coordenação de Harald Thun (Kiel) e Cléo V. Altenhofen (Porto Alegre).

⁷ Adiante iremos comentar as diferentes acepções em torno da origem do Pomerano, como variedade “baixo-saxã” ou “baixo-alemã”.

um informante afirmou falar a “língua alta”, que chamou de *Hochdeutsch*, e a “língua baixa”, equivalente ao Pomerano falado na família.

Com base no estudo detalhado sobre o *Hunsrückisch* disponível na publicação do IHLBrI, Altenhofen conclui que se trata de uma *língua de imigração*, cuja base linguística provém essencialmente da matriz de origem no *Hunsrück* e Palatinado, no centro-oeste da Alemanha, e que, usando os termos da dialetologia alemã, engloba um contínuo de variantes linguísticas que se estende do francônio-moselano ([+dialetal]) ao francônio-renano ([+próximo do standard]) e que, ao longo de sua história no Brasil, em especial a partir da imigração germânica para o Sul do país em 1824, agrega influências de contatos linguísticos com demais variedades do alemão, em especial o *Hochdeutsch* local, e com o português e demais línguas faladas no entorno (ALTENHOFEN, 1996, p. 27).

Com base nas enquetes sociolinguísticas que aplicamos com os informantes-chave das Redes Sociais identificadas⁸ foi possível verificar que o uso da variedade de imigração não permanece em qualquer âmbito de uso comunitário. Não identificamos nem a variedade do *Hunsrückisch*, nem a variedade do alemão *standard*, identificada somente na pesquisa documental. O *Hunsrückisch*, embora seja a variedade de origem da maioria dos imigrantes de Petrópolis não é considerada como variedade germânica em uso no município. Fato esse comprovado pelo Inventário, posto que o estado do Rio de Janeiro, em especial o município de Petrópolis não constou como *localidade* do estudo, ou seja, como *espaço geográfico* de uso dessa variedade. A necessidade do uso da variedade germânica *standard* do alemão -*Hochdeutsch* -, e o uso da variedade *standard* do local da imigração, no caso o português da época, é justificada pelo contexto urbano da imigração no município em referência o que leva ao processo de *Language Shifting* (FISHMAN, 1991) da variedade de imigração.

1.2 VARIEDADE GERMÂNICA DE IMIGRAÇÃO EM SANTA MARIA DE JETIBÁ

O Espírito Santo é um estado de rica diversidade etnolinguística e cultural. Lá coexistem diferentes variedades linguísticas de imigração (germânicas, italianas, entre outras), variedades indígenas e de comunidades quilombolas. Neste estudo vamos delimitar a discussão ao uso da variedade germânica do Pomerano⁹ e ao seu uso no município de Santa Maria de Jetibá (SMJ).

Os imigrantes de SMJ são provenientes da antiga Pomerânia, uma região situada entre as atuais Alemanha e Polônia. Até 1871, a Pomerânia era província da Prússia e, a

⁸ Utilizamos para a investigação o conceito de Redes Sociais como disposto em MILROY J. e MILROY L. (1985) e MILROY, L. e LLAMAS, C. (2013) e o de Comunidade de Prática como disposto em ECKERT, P. (2000 e 2012).

⁹ Usaremos *Pomerano* com letra maiúscula sempre que estivermos nos referindo a variedade linguística, para diferenciar do *pomerano*, povo da imigração

partir de 1871, com a unificação dos estados alemães, passa a fazer parte do Império alemão. Até 1945 a Pomerânia estava dividida entre Pomerânia Ocidental e Pomerânia Oriental. A partir de 1945 a Pomerânia Oriental é anexada à Polônia e a Pomerânia Ocidental passa a integrar o atual Estado de *Mecklenburg Vorpommern* (Mecklenburgo-Pomerânia Ocidental), Alemanha.

Assim como ocorreu no estado Rio de Janeiro, a imigração germânica para o Espírito Santo também se desenvolveu em diferentes fases. Os primeiros pomeranos chegam ao Brasil na década de 50 do século XIX e vários estudos apontam o ano de 1859 como sendo o início da chegada dos primeiros imigrantes pomeranos no Espírito Santo na Colônia de Santa Leopoldina, território hoje pertencente a SMJ. Em estudo de 2017, Savedra e Mazzelli apresentam um histórico detalhado sobre a vinda dos pomeranos para o Espírito Santo. No que se refere às fases da imigração, citam o trabalho de Höhamnn (2011) que prioriza três fases distintas: a primeira, do ano 1847 a 1881; a segunda, de 1882 a 1887; e a terceira, de 1888 a 1896 e o levantamento realizado por Franceschetto (2014) que aponta o maior fluxo de imigrantes na primeira fase, quando dos cerca de 4.000 imigrantes germânicos, os pomeranos correspondiam a 56% do total daqueles chegados ao estado do Espírito. Entretanto, também destacam o detalhado estudo de Seibel (2016) que ressalta que não há como precisar em termos exatos quantos pomeranos chegaram ao Brasil, uma vez que esses foram registrados muitas vezes como prussianos e/ou alemães.

Em contexto diferenciado da imigração do município de Petrópolis, que foi uma imigração urbana organizada por um Major do Império à época, a vinda de colonos europeus para o Espírito Santo está, sem dúvida, vinculada à ocupação de áreas rurais no Brasil, uma solução política e social pensada para a perda do trabalho escravo, que já estava sendo esperada por vários acontecimentos naquele período da história de nosso país. Além disso, a imigração europeia também auxiliou o discurso racista das elites brasileiras da época, que viam a imigração como uma política de “*branqueamento*” da população brasileira, majoritariamente composta por pessoas de etnia negra.

Outro aspecto que diferencia a imigração germânica em SMJ da imigração urbana de Petrópolis é o fato de ser esta uma imigração preferencialmente rural. Além disso, a variedade germânica introduzida pelo contexto de imigração é o Pomerano, também chamado de *Pommersch*, *Pommerschplatt* ou *Pommeranisch*, que é utilizado hoje em diferentes âmbitos de uso.

SMJ está localizado a 80 km da capital Vitória, na região serrana do estado do ES. No início da investigação em 2017, dados do IBGE apontavam que a projeção de população estimada era de 39.928 habitantes. Já em 2019, a projeção já mostrava 40.431 (IBGE, 2019).

O município é habitado principalmente por descendentes de imigrantes pomeranos, que mantiveram o Pomerano vivo no local e por isso, o município é popularmente reconhecido como o “mais pomerano do Brasil”.

Logo abaixo, vemos uma estátua que está localizada em frete à Prefeitura Municipal de SMJ que representa uma homenagem aos colonos pomeranos, demonstrando o reconhecimento identitário da comunidade com os seus imigrantes e sua vocação preferencialmente agrícola.

Figura 2: Estátua de imigrantes na frente da Prefeitura da cidade.



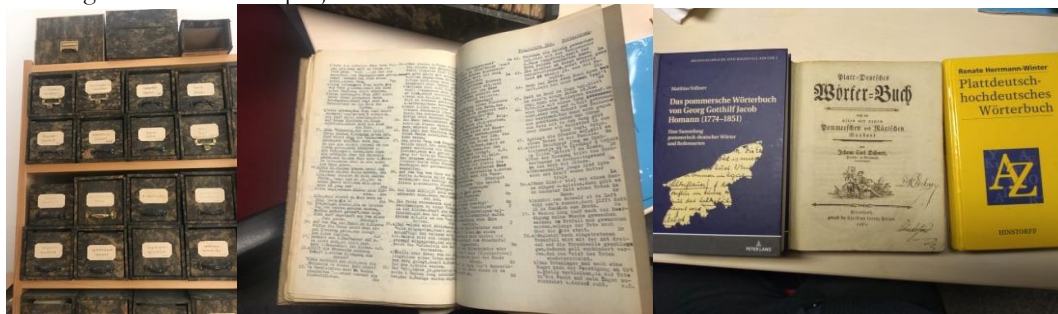
Fonte: Arquivo pessoal

Realizamos nossa investigação em SMJ entre os anos de 2017 e 2019. Desde a primeira visita de campo observamos o uso bilíngue (português/Pomerano) nos prédios administrativos e em placas de diferentes locais da cidade.

A pesquisa documental foi realizada ao longo do ano de 2017 no arquivo da cidade e no Museu Pomerano. Nestes estabelecimentos, foram coletados registros e relatos históricos, que discorriam sobre os usos linguísticos no município, além de leis e decretos que historicamente proibem ou legitimam práticas linguísticas em Pomerano em âmbito nacional, estadual ou municipal. Com a investigação dos documentos, foi possível verificar a forte presença da língua alemã e a sua influência na Comunidade escolar e religiosa no início da imigração (1859-1900). Em 2019, em missão de trabalho na Alemanha, tivemos a oportunidade de visitar a *Universidade Ernst Moritz*, de Greifswald e entrevistar o professor Matthias Vollmer, coordenador do dicionário *Pommersches Wörterbuch* (Dicionário Pomerano). Na figura 3 podemos observar algumas fotos do acervo linguístico e histórico da pesquisa do dicionário, que engloba um grande número de pesquisadores da universidade. Professor Vollmer é um pesquisador das variedades do *Niederdeutsch* (baixo-alemão), onde ele situa o Pomerano que é ainda hoje falado na região que correspondia a Pomerânia Ocidental. Matthias Vollmer juntamente com Ismael

Tressman assinam o prefácio do mais novo dicionário bilingue português-Pomerano editado em 2019 por Aloï Schneider.¹⁰

Figura 3: Material do projeto do Pommersches Wörterbuch na Univrsidade de Greifswald



Fonte: arquivo pessoal

Tressmann é autor do primeiro dicionário Pomerano-Português editado no Brasil o Dicionário Enciclopédico Pomerano-Português/ *Pomerisch-Portugijssisch Wöörbauk*. (TRESSMANN, 2006) e no momento, está em fase final de revisão de um Dicionário Enciclopédico Multilíngue (pomerano, alemão, holandês, inglês e português). Em seu estudo de 2008, Tressmann define o Pomerano falado no Brasil como sendo uma variedade do baixo-saxão.

Em publicação de 2010 (*apud* BEILKE, 2013), Tressmann justifica a sua classificação citando que o Pomerano possui em sua base variedades do baixo-alemão, como *Plattdeutsch*, que se desenvolveu a partir do saxão antigo, do baixo-alemão médio, falado pelos cidadãos da Liga Hanseática, e também do *Ostniederdeutsch* (baixo-alemão oriental). Além dessas variedades, cita também outras que influenciaram na formação do Pomerano, tais como o *Baltendutsch* (alemão báltico), o *Niederpreußisch* e o *Hochpreußisch*, baixo-prussiano e alto-prussiano), o *Schlesisch* (silésio) e *Westpreußisch* (prussiano ocidental). Com isso o autor afirma que o Pomerano ocidental (*Westpommersch*) que era falado na *Vorpommern*, hoje Alemanha, se diferenciava do Pomerano oriental (*Ostpommersch*) falado na *Hinterpommern*, hoje Polônia. O *Ostpommersch* (pomerano oriental) contava em sua formação, com influências eslavas, teutônicas e saxônicas. Segundo os estudos etnolinguísticos que desenvolveu, Tressmann sugere ainda ter sido o Pomerano uma “língua franca” e autônoma desde o século XIII até o XVI, devido ao seu uso feito pelos comerciantes que circulavam nas regiões da Liga Hanseática.

Outro linguista que considera o *Ostpommersch*, principal variedade do Pomerano levada ao ES, como baixo-saxão, ou como parte do grupo dialetal do baixo-saxão costeiro, é Gertjan Postma (2019). “O Pomerano Oriental (*Ostpommersch*) é o dialeto costeiro baixo-saxão, ou o conjunto de dialetos, do estoque germânico continental em um trecho costeiro entre o rio Oder e o rio Vístula, uma área chamada *Hinterpommern* ou Farther Pomerania

¹⁰ SCHNEIDER, A. dicionário Escolar conciso: português-pomerano, *pomerisch-portugijssisch*. Porto Alegre: Evangraf, 2019.

(*Pomerland* em Pomerano brasileiro)”. (POSTMA, 2019, p.1, tradução nossa)¹¹. Outra importante questão mencionada por Postma que diferencia o Pomerano de outras variedades germânicas advindas do alto-alemão e do baixo-alemão é “a ausência de fortes morfemas inflexionais -er/-es ou -er/-et, em casos estruturais. Finais fortes estão presentes no gótico, no alto-alemão antigo e no norueguês antigo, mas ausentes no inglês antigo e no saxão antigo” (POSTMA, 2019, p. 6, tradução nossa)¹².

Já no *Ethnologue: Languages of the World* (SIMONS e FENNIG, 2018), o baixo-saxão é representado como um grupo de variedades dialetais do baixo-alemão faladas nos estados do noroeste da Alemanha (Baixa Saxônia, Renânia do Norte, Vestfália, Bremen, Hamburgo, Schleswig-Holstein e Saxônia-Anhalt), no nordeste dos Países Baixos e por uma minoria no extremo sul da Dinamarca e, juntamente com o baixo-alemão oriental, forma o que é denominado baixo-alemão.

É interessante ressaltar, que o Pomerano foi durante muito tempo considerado “uma forma errada” de falar o alemão *standard*, uma variedade sem prestígio. Os falantes sofriam preconceito linguístico e até mesmo alguns acreditavam que o Pomerano era uma “não-língua” em relação ao alemão *standard*.

Como observado acima, o uso dos termos baixo-alemão e baixo-saxão no que se refere à classificação do Pomerano, não é de aceitação unânime entre linguistas. Neste artigo, buscamos apenas lançar luz à problemática, uma vez que pode produzir discussões sobre os efeitos glotopolíticos diante da escolha de cada termo. Como nosso propósito não é discutir a origem filogenética e nem a evolução linguística do Pomerano, preferimos entendê-lo aqui como uma variedade germânica ocidental (*Westgermanischesprache*) e considerando o seu tempo de permanência no Brasil, como uma variedade neo-autóctone brasileira (SAVEDRA; MAZZELLI, 2017).

Hoje, mesmo que em estágio inicial, o Pomerano pode ser visto como uma língua *Ausbau* (KLOSS, 1967) devido às suas novas funções de uso que surgem através de ações glotopolíticas promovidas pelos seus falantes, como a criação de uma grafia para a língua, ou então a promoção de seu uso em âmbitos digitais, assim como discutido em Mazzelli (2018a). Outra importante ação relacionada à língua, que é reconhecida como “*Língua Brasileira*” pelo INDL, o Pomerano está sendo atualmente inventariado, assim como *Hunsrückisch*, por um processo iniciado em 2019¹³ (IPOL, 2019), através de gravações, entrevistas e aplicações de questionários sociolinguísticos nas localidades onde a língua é falada.

Como vimos acima, diferentemente do *Hunsrückisch* em Petrópolis, o Pomerano em SMJ ocorre em diferentes âmbitos de uso. A prática linguística local, inúmeras medidas

¹¹“*Farther Pomeranian (Ostpommersch)* is the Low Saxon coastal dialect, or set of dialects, of continental Germanic stock in a coastal stretch between the Oder river and the Vistula river, an area which was called *Hinterpommern* or *Farther Pomerania (Pomerland in Brazilian Pomeranian)*”.

¹² “*A second important isogloss that separates Pomeranian from the other Low German variants, and actually separates it from German dialects in general, High and Low German alike, is the absence of strong inflectional morphemes -er/-es or -er/-et, in structural Cases. Strong endings are present in Gothic, Old High German, and Old Norse, but absent in Old English, Old Saxon.*”

¹³ Neste Inventário a UFF passará a integrar a equipe como Universidade parceira a partir de 2020 através do LABPEC.

como políticas linguísticas institucionais e o engajamento da população falante do pomerano, fez com que nos últimos anos o Pomerano passasse por processos de manutenção e revitalização da língua, o que possivelmente resultará em um aumento da sua vitalidade linguística no local.

2 VITALIDADE LINGUÍSTICA: LÍNGUAS MINORITÁRIAS E MINORIZADAS

A fim de discutir a temática da *vitalidade linguística*¹⁴, é necessário apresentarmos algumas acepções sobre a situação de minorização de variedades linguísticas que têm o seu uso ameaçado por inúmeras questões de ordem política, social e histórica. Quando uma língua se encontra em uma situação de “ameaça” significa que sua vitalidade linguística está sendo posta em perigo.

Optamos aqui pelo uso de *língua minorizada* por estar mais de acordo com as variedades identificadas nos contextos de imigração que aqui discutimos e, por ser mais utilizado na literatura dos estudos glotopolíticos no Brasil como explicitado por Bagno (2017) e Lagares (2018). Concordamos com Bagno (2017) quando diferencia *língua minoritária* de *língua minorizada*. Para o autor, o primeiro termo é utilizado para retratar uma língua que é falada em um território dentro de um Estado por indivíduos que constituem um grupo que seja numericamente inferior ao restante da população desse Estado. Segundo Bagno, o termo não representa as variedades linguísticas regionais das línguas oficiais, nem as línguas de imigrantes. Apesar de ser um termo que remete a uma condição essencialmente quantitativa e sem conotações negativas, o autor destaca que a situação minoritária de uma língua é muitas vezes usada como uma prerrogativa para a restrição de direitos de uma comunidade. Assim, Bagno destaca que o termo *língua minoritária* vem sendo recentemente distinguido por *língua minorizada*, que, apesar de ser uma língua própria de um determinado território (uma província, um estado, região autônoma, etc.), “sofre uma restrição de seus âmbitos e funções de uso nesse mesmo território.” (BAGNO, 2017, p. 239). O autor ainda ressalva que *línguas minorizadas* são frequentemente chamadas de *línguas minoritárias*, mas cabe reservar essa terminologia fazendo referência ao número de falantes e não ao *status* que uma língua dispõe.

Lagares (2018) também menciona a preferência pelo uso do termo *língua minorizada* ou ainda *língua em situação minoritária* para se referir “aos idiomas que não dispõem dos equipamentos a serviço das línguas hegemônicas; ou bem às situações em que uma língua se encontra a margem das estruturas de poder” (LAGARES, 2018, p. 121).

Na bibliografia disponível sobre o tema, identificamos alguns estudos preocupados em avaliar a vitalidade de línguas em processo de minorização, indicando em qual estágio de ameaça ela se encontra e apresentando projetos e estratégias de manutenção e

¹⁴ Vitalidade linguística pode ser descrita da seguinte forma: “A vitalidade da linguagem é demonstrada na medida em que a língua é usada como um meio de comunicação em vários contextos sociais para fins específicos. O indicador mais significativo da vitalidade de uma língua é o uso diário em casa. Uma linguagem com alta vitalidade seria usada extensivamente dentro e fora de casa, por todas as gerações e na maioria dos tópicos, se não todos.” (SIL International, 2020, tradução nossa).

revitalização linguísticas. De acordo com as estatísticas apontadas por Simons e Lewis (2013, p. 11), 32% das línguas no mundo estão algum processo de perda e muitas delas, segundo Eberhard (2013), estão localizadas no Brasil. Eberhard considera que apesar do processo de mudança linguística ser natural, e que o abandono do uso de uma *língua minoritária* em favor de uma *língua majoritária* tenha ocorrido ao longo da história da humanidade, o entendimento dos impactos sociais, culturais e identitários das perdas dessas línguas e as decisões específicas e antecipadas feitas pelas comunidades falantes dessas línguas, poderiam evitar ou até mesmo interromper esse fenômeno de perda.

Devido à urgência em compreender melhor os fenômenos relacionados à vitalidade linguística, como a manutenção, revitalização, e perda, foram criadas escalas para medir o *status* de línguas em territórios específicos, permitindo avaliar a situação de cada variedade em seu contexto de uso.

Giles, Bourhis e Taylor (1977) apresentam uma das primeiras ferramentas para este tipo de avaliação e enfatizam a importância da transmissão em casa. Mas foi Fishmann (1991) quem apresentou a primeira escala nos estudos sobre vitalidade, a *Graded Intergenerational Disruption Scale* (GIDS, que representou um marco para as pesquisas desenvolvidas sobre línguas ameaçadas. Fishman foi o responsável por fundar o modelo conceitual que avalia o *status* de vitalidade linguística e tem por objetivo reverter o processo de mudança linguística, ajudando a prover a manutenção de uma língua em situação de minorização. A GIDS é concebida por uma escala de oito níveis de medição da mudança linguística. São eles:

Quadro 1 - GIDS

Nível	Descrição
1	A língua é usada na educação, trabalho, mídia de massa e governo em nível nacional.
2	A língua é usada para mídia de massa local e regional e serviços governamentais.
3	A língua é usada para o trabalho local e regional por pessoas de dentro e de fora da comunidade.
4	A alfabetização na língua é transmitida através da educação.
5	A língua é usada oralmente por todas as gerações e é efetivamente usada na forma escrita em toda a comunidade.
6	A língua é usada oralmente por todas as gerações e está sendo aprendida pelas crianças como sua primeira língua.
7	A geração em idade fértil conhece bem o idioma para usá-lo com os mais velhos, mas não o transmite aos filhos.
8	Os únicos falantes restantes da língua são membros da geração dos avós.

Fonte: Adaptado de Fishman (1991) tradução nossa.¹⁵

¹⁵ 1) The language is used in education, work, mass media, government at the nationwide level; (2) The language is used for local and regional mass media and governmental services; (3) The language is used for local and regional work by both insiders and outsiders; (4) Literacy in the language is transmitted through education; (5) The language is used orally by all generations and is effectively used in written form throughout the community; (6) The language is used orally by all generations and is being learned by children as their first language; (7) The child-bearing generation knows the language well enough to use it with their elders but is not transmitting it to their children e (8) The only remaining speakers of the language are members of the grandparent generation.

No estudo de Fishman (1991) fica claro que o foco da proposta recai sobre a transmissão intergeracional, uma forte característica na manutenção de uma língua. Assim, entendemos que os oito níveis da GIDS apresentados pelo autor, podem ser concebidos em seis, onde o primeiro nível englobaria os níveis 6, 7 e 8 da escala proposta, pois os três níveis tratam de quão forte/fraca é a transmissão intergeracional. Teríamos assim a seguinte escala:

Quadro 2 - Resumo da proposta de Fishman 1991

1	transmissão intergeracional da língua
2	número absoluto de falantes
3	proporção de falantes dentro da população local
4	domínios que a língua alcança
5	resposta aos novos domínios e aos meios de comunicação
6	disponibilidade de materiais para a educação alfabetização

Fonte: Elaborado pelas autoras

Por mais que a ideia da transmissão linguística intergeracional esteja ligada à importância da família ao passar adiante uma língua, cabe ressaltar que a transmissão é um fenômeno que não depende somente da decisão dos pais. Normas sociais e institucionais que afetam os âmbitos de uso linguístico, como escola, trabalho, casa e igreja também desempenham papel relevante na transmissão. Quando o uso de uma língua em determinado âmbito começa a diminuir, e o número de âmbitos associados a essa língua começa a minguar, habitualmente observamos a mudança do uso de uma língua por outra.

Após Fishman (1991), um grupo de pesquisadores ligados à UNESCO também preocupado com a situação de línguas em situação de ameaça, elabora uma outra escala de vitalidade linguística. Essa nova escala (UNESCO, 2003) sugere nove fatores de manutenção que são responsáveis por determinar cada *status* de vitalidade linguística, que podem ser vistos abaixo no Quadro 2.

Quadro 2 – Nove fatores avaliativos de Vitalidade Linguística (UNESCO)

(1) Transmissão intergeracional da língua
(2) Número absoluto de falantes;
(3) Proporção de falantes no conjunto da população local;
(4) Uso das línguas por domínios e as mudanças na utilização da língua;
(5) Resposta a novos domínios/ambientes e mídias
(6) Disponibilidade de materiais para o ensino e aprendizagem da língua;
(7) Atitudes e políticas do governo e instituições em relação à língua;
(8) Atitudes dos falantes em relação à língua que falam;
(9) Tipo e qualidade da documentação linguística existente sobre a língua.

Fonte: Adaptada de UNESCO (2003), tradução nossa¹⁶

¹⁶ (1) *Intergenerational Transmission*; (2) *Absolute Number of Speakers*; (3) *Proportion of Speakers within the Language Total Population*; (4) *Trends in Existing Language Domains Including Official Status and Use*; (5) *Response to New*

O documento da UNESCO diz que nenhum fator deve ser analisado de forma isolada, mas sim que cada um dos nove fatores deve ser analisado e articulado um com o outro¹⁷ e só assim, chega-se a um diagnóstico da situação de uma língua em uma determinada comunidade¹⁸, que pode ser visto no Quadro 3 .

Quadro 3 – Escala de avaliação de vitalidade linguística (UNESCO)

Grau de ameaça
Segura
Vulnerável
Definitivamente ameaçada
Severamente ameaçada
Criticamente ameaçada
Extinta

Fonte: Adaptada de UNESCO (2003), tradução nossa.

Por fim, apresentamos a escala atualmente utilizada pelo *Ethnologue*¹⁹, conhecida por E(xpanded)GIDS (EGIDS), criada por Lewis e Simon (2010). Posteriormente, a EGIDS recebeu algumas adaptações feitas pelos mesmos autores (SIMONS; LEWIS, 2013)²⁰, mas ainda apresentando 13 níveis de vitalidade linguística, assim como a proposta de 2010. A EGIDS é uma expansão do modelo inicial proposto por Fishman (1991) a GIDS, com a adição de alguns elementos da escala da UNESCO. Hoje, a EGIDS é vista como um pilar de um modelo de vitalidade e desenvolvimento linguístico mais amplo, o *Sustainable Use Model* (SUM) também formulado por Lewis e Simons (2017) que, dentre outras características, diferencia níveis de vitalidade em sustentáveis e temporários.

Abaixo, ilustramos a EGIDS já com as alterações de 2013 e à direita, o correspondente de cada categoria segundo os graus de ameaça da UNESCO.

Quadro 4 – Escalas de vitalidade Linguística EGIDS

EGIDS			UNESCO
Nível	Categoria	Descrição	
0	Internacional	A língua é usada amplamente utilizado entre as nações no comércio, intercâmbio de conhecimentos e política internacional.	Segura

Domains and Media; (6) Materials for Language Education and Literacy; (7) Governmental and Institutional Language Attitudes And Policies; (8) Community Members' Attitudes toward Their Own Language; (9) Amount and Quality of Documentation.

¹⁷ Não pretendemos aqui nos aprofundar nas características de cada fator e suas respectivas descrições para cada um dos graus da escala da UNESCO. Para maiores informações sobre essa escala, ver UNESCO (2003).

¹⁸ Para maiores informações de como cada fator deve ser articulado para o diagnóstico da escala de 6 níveis, Cf. UNESCO (2003).

¹⁹ Cf. <https://www.ethnologue.com/>

²⁰ Os autores revisaram alguns dos nomes e definições da escala em Simons e Lewis (2013). O quadro mostrado aqui já apresenta essas atualizações propostas pelos autores.

1	Nacional	A língua é usada na educação, trabalho, mídia de massa e governo em nível nacional.	Segura
2	Provincial	A língua é usada é usada na educação, trabalho, mídia de massa, e governo dentro de subdivisões oficiais da administração de uma nação.	Segura
3	Comunicação abrangente	A língua é amplamente usada no trabalho e na mídia de massa sem status oficial para transcender as diferenças linguísticas através de uma região.	Segura
4	Educacional	A língua está em uso oral vigoroso e isso é reforçado pela transmissão sustentável da alfabetização na língua na educação formal.	Segura
5	Desenvolvendo	A língua é vigorosa e está sendo usada por escrito em partes da comunidade, embora a alfabetização não seja ainda sustentável.	Segura
6a	Vigorosa	A língua é usada oralmente por todas as gerações e a situação é sustentável.	Segura
6b	Ameaçada	A língua ainda é usada oralmente em todas as gerações, mas existe uma ameaça significativa à sustentabilidade porque pelo menos uma das condições para o uso oral sustentável em falta.	Vulnerável
7	Em mudança	A geração fértil usa a língua entre si, mas normalmente não transmite a língua a seus filhos.	Definitivamente ameaçada
8a	Moribunda	Os únicos falantes ativos restantes da língua são membros da geração dos avós.	Severamente ameaçada
8b	Quase extinta	Os únicos falantes restantes da língua são os idosos que tem pouca oportunidade de usá-la.	Criticamente ameaçada
9	Dormente	Não existem falantes totalmente proficientes, mas algum uso simbólico permanece como um lembrete da herança identitária da comunidade étnica.	Extinta
10	Extinta	Ninguém mantém um senso de identidade étnica associado com a língua, mesmo para fins simbólicos.	Extinta

Fonte: Adaptada de Lewis e Simons (2010) e Simons e Lewis (2013), tradução nossa.

Na versão inicial da EGIDS, a fim de classificar o *status* de vitalidade de uma determinada língua, Lewis e Simons (2010, p. 113-116) propuseram cinco perguntas que determinariam o nível de vitalidade de uma língua. Com as mudanças feitas na escala em 2013 (SIMONS; LEWIS, 2013, p. 7), que levam o SUM em consideração, os autores apresentam uma reformulação dessas perguntas que podem ser vistas em Quakenbush e Simons (2015, p. 4-6). Assim, o novo modelo de diagnóstico é composto por uma pergunta, que dependendo sua resposta, levará a outra que resultará no diagnóstico da *status* de vitalidade.

De acordo com Lewis (2014) a EGIDS é vista como parte do SUM²¹, um modelo mais abrangente de compreensão da mudança e manutenção linguísticas.

²¹ Lewis e Simons apresentaram o SUM em 2011 na Conferência anual da Associação Americana de Linguística Aplicada em Illinois e, mais tarde, publicaram uma série de materiais sobre esse modelo conceitual.

Segundo Lewis e Simons (2017), o SUM busca oferecer apoio aos membros das comunidades de línguas em situação de minorização e aos pesquisadores dessas línguas, além de promover reflexões sobre como os falantes irão transmitir conhecimentos que são cruciais para a sobrevivência daquele grupo. Os autores afirmam que o SUM não se inicia na língua, mas sim na noção de que a própria comunidade deve ter a preocupação em manter e transmitir conhecimento, ou seja, uma das perspectivas fundamentais do SUM é que as decisões devem ser feitas pela comunidade e para a comunidade. Os pesquisadores e linguistas devem apenas fornecer suporte majoritariamente teórico, para que, dentro da visão da própria comunidade, ela atinja os seus objetivos relacionados ao desenvolvimento linguístico. Lewis e Simons (2017, p. 13) ainda afirmam que assim como intervenções médicas, as atividades de intervenção linguística devem ser consentidas pelos membros da comunidade.

Além da avaliação de vitalidade linguística com EGIDS, o SUM aponta quais níveis do EGIDS são sustentáveis, isto é, estáveis, e quais são temporários. De acordo com os autores, um nível sustentável de vitalidade linguística é representado por aqueles comportamentos ligados a um determinado nível de uso e que sejam disseminados e amplamente aceitos pela comunidade. Segundo Lewis e Simons (2017, p. 13), há três níveis sustentáveis e hierárquicos na perspectiva do SUM, são eles: *identidade sustentável*, *oralidade sustentável* e *alfabetização sustentável*, e correspondem aos níveis 9, 6a e 4 do EGID respectivamente, sendo que cada nível implica a existência do anterior. Se existe alfabetização sustentável na comunidade (nível 4 do EGIDS), implica que há oralidade e identidade sustentáveis. A classificação do *status* de vitalidade e de sustentabilidade de acordo com o EGIDS, “serve como um indicador do que será necessário para a comunidade alcançar um nível sustentável de uso e vitalidade para essa língua.” (LEWIS; SIMONS, 2017, p. 13., tradução nossa)²². O SUM também indica que a vitalidade de uma determinada língua pode ser restabelecida de forma mais eficaz, se os três níveis sustentáveis da escala SUM/EGIDS forem considerados, isto é *identidade sustentável* (9), *oralidade sustentável* (6a) e *alfabetização sustentável* (4) movendo os *status* da língua em questão para cima, ou para baixo na escala de vitalidade, a fim de garantir um *status* de vitalidade linguística estável.

A fim avaliar o nível de uso de uma língua em perigo, em uma determinada comunidade, Lewis e Simons (2017, p. 12) apresentam quatro fatores que devem ser considerados na avaliação com base no SUM: *Functions* (funções), *Acquisition* (aquisições), *Motivation* (motivação), *Environment* (ambiente) e *Differentiation* (diferenciação) e utilizam o acrônimo FAMED²³ para identificá-los como uma estrutura. A verificação das condições em que os FAMED estão permitem que uma comunidade possa desenvolver cada fator específico, alcançando assim, os resultados do desenvolvimento linguístico que são esperados para cada contexto específico. Além disso, quando as condições de FAMED são atendidas, uma língua pode atingir seu uso sustentável segundo os pressupostos do SUM. No quadro abaixo, resumimos as condições de FAMED.

²² “[The current status of a language also] serves as an indicator of what will be required for the community to achieve a sustainable level of use and vitality for that language.” (LEWIS; SIMONS, p. 13).

²³ Utilizamos o acrônimo em sua versão original.

Quadro 5 – As condições de FAMED

Função	Funções são usos de corpos de conhecimento, ou seja, o conteúdo de conhecimento sobre um domínio existente e são reconhecidos na comunidade em sua língua e cultura, por exemplo, conhecimento da agricultura de arroz.
Aquisição	Refere-se aos meios (funções e hábitos) que devem existir na comunidade para que a próxima geração adquira proficiência na língua.
Motivação	Refere-se à percepção da comunidade sobre os benefícios de usar a língua para aquelas funções; se eles perceberem o uso da língua como algo benéfico, continuarão usando-a. Por exemplo, se as pessoas se beneficiam por poder falar sobre a agricultura de arroz na língua.
Ambiente	Refere-se ao grau em que os órgãos responsáveis pela formulação de políticas incentivam, desencorajam ou são neutros em relação ao uso da língua na comunidade. Este é o ambiente sociolinguístico em que as funções devem operar.
Diferenciação	Refere-se ao grau que a comunidade percebe que certas funções "pertencem" à língua da comunidade ou à alguma língua externa por exemplo, as pessoas falam sobre arroz agricultura nesta língua e em nenhuma outra.

Fonte: Adaptado de Tehan e Markowski, (2017, p. 53-54)

Quakenbush e Simons (2015, p.15) demonstram que juntos, EGIDS (a escala), SUM (o modelo) e FAMED (as condições) fornecem informações e métricas úteis para ajudar a entender um nível atual de desenvolvimento ou risco de uma determinada língua. Além disso, também fornecem base para diferentes tipos de atividades que ajudem a fortalecer o uso de uma determinada língua no futuro.

Neste texto, procuramos mostrar algumas escalas que propõem analisar e até certo ponto medir o grau de mudança entre as línguas com base em variáveis sociolinguísticas quantificáveis, tais como: a) número e a idade dos falantes; b) existência de um sistema de escrita; c) a disponibilidade de materiais educacionais ou de mídia na língua, entre outros. Essa discussão mostra-se bastante pertinente nos contextos linguísticos relacionados ao *Hunsrückisch* e ao Pomerano nas localidades aqui tratadas. A seguir, apresentamos algumas de nossas reflexões sobre vitalidade linguística e os efeitos do contato linguístico (revitalização, manutenção, *language shifting* e perda) que estão relacionados com as variedades germânicas introduzidas nos municípios aqui investigados.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: LÍNGUA, GLOTOPOLÍTICA E TERRITÓRIO

Na identificação das situações de contato nos dois contextos de migração delimitados, apontamos as distinções entre variedades minorizadas de espaços distintos: um urbano e outro rural. A questão do espaço provoca diferença significativa na questão da vitalidade linguística nos ambientes de uso com efeitos diversos para o contato linguístico então estabelecido. Mas não somente o espaço é responsável pela manutenção,

revitalização e/ou perda da vitalidade linguística e cultural da variedade da imigração. Questões de política e poder também são agentes de grande influência.

No que se refere à questão do território, observamos em Petrópolis uma perda no uso da variedade de imigração, posto que a língua alemã, a variedade *standard*, precisou ser usada para que pudesse ser estabelecido o contato linguístico oficial do então Brasil Império com a Alemanha. A imigração concebida pelo Major Koeler, ocorreu através de um plano urbanístico para o município e, como comprovamos na pesquisa documental, foi uma imigração alfabetizada que inclusive resulta na introdução de uma escola bilíngue em português e alemão. Cabe ressaltar, que o destino da variedade linguística em questão poderia ter sido outro, se não houvesse ocorrido a dura repressão das políticas linguísticas de assimilação da língua portuguesa durante a Campanha de Nacionalização (1937-1945) durante a Era Vargas. Durante esse duro momento para a diversidade linguística no Brasil, houve a imposição da língua portuguesa, a proibição do uso das variedades linguísticas dos imigrantes, o fechamento de escolas étnicas e bilíngues e ainda houve a atitude ditatorial que resultou na tortura e prisão de imigrantes que usassem qualquer variedade alóctone.

Savedra e Rosenberg (2019) discutem como a questão do território (imigração urbana) e poder (política de repressão linguística) foram responsáveis pela perda do uso da variedade de imigração no município de Petrópolis. Neste trabalho, os autores discutem o fenômeno de *language shifting* (perda gradual do uso de uma variedade linguística), a partir da noção de identidade. Em nossa pesquisa de campo (2015-2016), observamos no município a presença de uma identidade teuto-brasileira, se usarmos o termo de Seyferth (1994) ao referir-se à imigração germânica para o Brasil. Entretanto, no caso deste estudo foi identificado como fator de relevância, a luta pela conservação da identidade e de valores culturais da própria imigração. Não ao ponto de permanecer autêntica, sem qualquer forma de interferência, pois não se pode esquecer que estes são justamente imigrantes brasileiros-alemães (*Deutscherbrailianer*) e fazem parte, desde sua chegada no Brasil, de um novo contexto social, cultural e político. No caso dos descendentes de imigrantes alemães em foco, também não existem fronteira físicas com a antiga pátria, mesmo assim, a variedade linguística e a cultura de origem têm influências profundas na construção da identidade étnica destas pessoas.

Durante nossa pesquisa, não identificamos a variedade de imigração sendo usada nos diferentes âmbitos: família, sociedade, escola, administração, entre outros. O que observamos foi o seu uso recriado na festa anual que prestigia o colono alemão - a *Bauernfest*²⁴, onde paisagens linguísticas, danças, comidas e bebidas mostram a transformação de identidade híbrida dos imigrantes alemães e de seus descendentes ao longo da história até os dias atuais. A *Bauernfest* é um evento sobre a colonização

²⁴ A *Bauernfest* é a festa do colono alemão, que ocorre anualmente no mês de junho no município desde 1983 em parceria com a Prefeitura Municipal de Petrópolis. Atualmente dura dez dias. Para cada dia é programado um evento diferente, incluindo filmes, palestras, exposições, festivais gastronômicos, entre outras atrações. No último domingo da festa, acontece um grande desfile com flores, música e dança. Os descendentes das diversas famílias de colonos são os anfitriões e desfilam com seus brasões nos carros alegóricos por todas as ruas da cidade.

germânica/alemã no município. Podemos afirmar que a festa é uma "tradição reinventada". Uma festa brasileira-alemã (*ein Deutschbrasilianisches Fest*), que mostra a identidade de uma comunidade de imigrantes de região urbana, que usa, ao mesmo tempo, uma imagem positiva do Brasil e da Alemanha como países inseridos em "sociedades multiculturais". (SAVEDRA; ROSENBERG, 2019). Entendemos que essas manifestações reconstróem uma identidade ligada à memória das famílias de imigrantes que ajudaram a fundar o município. No caso da imigração germânica em Petrópolis, emerge claramente a luta pela conservação da identidade e dos valores culturais. A língua de herança aparece como um ícone cultural, identificado na construção de espaços híbridos, transnacionais, e, como afirma Hall (2005) como parte de um processo de transculturalização, ao invés de um processo de revitalização da filiação linguística ou etnocultural.

Com isso, concluímos que, em questão de vitalidade linguística, o que permanece em Petrópolis não é o uso da variedade de imigração, no caso, o *Hunsrückisch*, mas sim a pertença a uma cultura alemã, ou uma cultura germânica. Observamos que no caso de Petrópolis, o vínculo se estabelece com a língua alemã *standard*, que funciona atualmente como uma *língua de memória* e uma *cultura de herança*.

Na pesquisa desenvolvida com imigrantes germânicos pomeranos no Espírito Santo, a vitalidade da variedade de imigração em contexto rural é entendida como uma ancoragem de demarcações étnicas, linguísticas e culturais.

Transmitido intergeracionalmente, o Pomerano é língua cooficial no município de SMJ desde 2009 e, como já dito anteriormente, com a implementação do INDL, o Pomerano é classificado como "língua de imigração" e tem o *status* de variedade/língua "brasileira", que tem o desenvolvimento de seu inventário em andamento.

Dentre os fatores que promovem a preservação do uso da variedade de imigração e da cultura do povo que emigrou, Tressmann (2005) aponta o grande número de imigrantes provenientes da Pomerânia na colônia de Santa Leopoldina (atual SMJ). Höhmann (2011) aponta ainda o isolamento geográfico e a influência da igreja luterana como fatores importantes para a manutenção do uso da variedade de imigração. Embora em seu estudo a autora tenha identificado que a língua se encontra em estágio de extinção, classificando-a, na escala que apresentamos da UNESCO (2003) como *definidamente ameaçada*, no que se refere à transmissão intergeracional da língua, atualmente a situação identificada em nossa pesquisa de campo mostra um novo cenário quanto à vitalidade linguística dessa variedade em diferentes âmbitos de uso. O uso constante do Pomerano foi observado durante todo o período de campo em diversos âmbitos de uso e se mostrou mais acentuado do que aponta a pesquisa de Höhmann (2011). Constatamos o ensino da língua nas escolas da região e também verificamos a frequente busca por funcionários que falem o Pomerano para trabalharem em lojas da cidade.

Identificamos algumas Redes Sociais (MILROY; MILROY, 1985; MILROY; LLAMAS, 2013) bem fortes que tinham como protagonistas âncoras (informantes-chave) que permitiam o agrupamento de Comunidades de Prática (ECKERT, 2000, 2012) em torno de suas casas/sítios/pensões com reuniões familiares e sociais, festas comemorativas pontuais, entre outras. A partir do contato com as Redes e seus informantes-chave, foi possível a identificação de várias Comunidades de Prática onde

realizamos visitas e observações: escolas, atividades agrícolas protagonizadas por famílias de produtores e avicultores que vivem em torno do município e são responsáveis pelo abastecimento de diversos municípios do estado do Espírito Santo. Um dos informantes-chave, uma ex-professora primária que se tornou professora de Pomerano, Marineuza Plaster Waiandt, é responsável pela criação de um memorial *Waiands Huus* construído dentro de sua propriedade. O museu, aberto ao público em 2016 é atualmente referência da língua e cultura pomerana e se tornou importante ponto de visitação em SMJ.

Figura 4: Memorial Waiands Huus



Fonte: arquivo pessoal

O memorial também oferece dias culturais para difundir língua e cultura pomeranas com refeições, músicas e parlendas contadas por Marineuza Waiandt em Pomerano.

Desde 2019, Marineuza Waiandt é a Secretária de Cultura de SMJ e disponibiliza na internet diversos vídeos mostrando sua casa/museu, falando em Pomerano e, mais recentemente, apresentando suas realizações como Secretária para manutenção da língua e cultura no município. A última entrevista disponível é de 29 de janeiro de 2020²⁵ e, já como secretária ela fala da importância no uso do Pomerano no âmbito familiar.

Ao lado das visitas ao município, aplicamos uma enquete sociolinguística²⁶ a fim de identificar a) informações sociodemográficas; b) conhecimentos linguísticos, c) aquisição e competência linguística na variedade germânica em estudo, em língua portuguesa e outras; d) uso e domínio da (s) língua (s) por âmbitos de uso: família, sociedade, escola, trabalho; e) uso da(s) línguas em retrospectiva nos mesmos ambientes; f) atitudes sobre a(s) língua (s); e por fim, uma narrativa livre. Durante as visitas, também nos deparamos com alguns informantes que não sabiam ler, posto que Pomerano foi, ainda até pouco tempo atrás, uma língua ágrafa no Brasil. Alguns não falavam o português fluentemente.

²⁵ Cf. <https://youtu.be/1gwfsa8M-ac>

²⁶ A análise foi feita com o retorno de 23 questionários (questionários/entrevistas), sendo sete de pessoas do gênero masculino e dezesseis do gênero feminino.

Com a implementação do instrumento, foi possível concluir que o uso do português e do Pomerano aparecem indistintamente. Um informante declarou utilizar somente o português (do gênero masculino) e ainda um declarante utiliza além do português e do Pomerano, o alemão (do gênero feminino). Em relação à competência linguística no Pomerano, 73,9% declararam que sabem falar muito bem o Pomerano e (91,3%) entendem muito bem. Todos aprenderam a língua em casa, com a família, sendo com os pais, irmãos ou avós. 39,1% declararam que já haviam sido criticados na escola por causa de sua língua de casa (ou de origem). Em relação ao uso das línguas nos diferentes domínios, podemos constatar de modo geral que o Pomerano é mais utilizado na família (pais, avós e sogros), estando o português também presente, mas em menor proporção. Com os filhos, o português é a língua mais utilizada, embora admitam também falar o Pomerano. Com vizinhos, amigos e colegas de trabalho, a maioria dos declarantes utiliza tanto o português quanto o Pomerano. Na cidade (no posto de saúde e nas lojas, por exemplo) o português é o mais usado, mas o Pomerano também está fortemente presente, o que comprovamos com nossa pesquisa de campo.

Quanto aos âmbitos de uso, foi possível concluir que o alemão *standard* ainda permanece no ambiente religioso, mas em uso bem reduzido. Em uma perspectiva histórica, como constatamos em documentos analisados, a língua alemã era utilizada em contexto educacional e confirmatório nos anos iniciais da imigração. Essa língua representava um dos mais importantes traços da identidade ligada ao luteranismo. Mas, atualmente, alguns cultos são proferidos em português e até mesmo em Pomerano. Também obtivemos a informação que por meio do aplicativo *WhatsApp*, alguns pastores luteranos compartilham orações em língua pomerana para alguns de seus grupos e contatos.

Mazzelli (2018) apresenta em sua dissertação de mestrado as ações glotopolíticas identificadas em SMJ desde o início da imigração e delimita dois tipos de intervenções: de *corpus* e de *status*. Nestas ações, a autora conclui por um uso amplo da variedade em diferentes âmbitos de uso, apontando as questões de política linguística que interferem na manutenção do uso do Pomerano, comprovando sua vitalidade no âmbito familiar, social, escolar, religioso e atualmente em âmbitos digitais, em especial por *WhatsApp*, rádios online, entre outros. Vale destacar que no âmbito escolar o ensino do Pomerano ocorre com base no PROEPO (Projeto de Educação Pomerana), iniciado em 2005, e atualmente em avaliação para reestruturação.

Como resultado da investigação, podemos concluir que o Pomerano em SMJ é um dos laços identitários mais fortes do povo, resistindo ao contato linguístico com outras variedades de imigrantes e, também, variedades de maior prestígio social, como o português e o alemão. Anteriormente, estigmatizado e minorizado o Pomerano não tinha espaço em uma cultura monolinguística, imposta principalmente durante os momentos de proibição das línguas de imigrantes, como também ocorreu em Petrópolis. Mas, atualmente, sua transmissão intergeracional, o uso diário da variedade pela população local e o engajamento político da comunidade, tornaram possível a cooficialização do pomerano em SMJ em 2009, o que resultou em alguns dos processos de manutenção e revitalização da variedade no município.

Com a popularização da internet e das novas tecnologias, assim como demonstrado por Mazzelli (2018a), os falantes do Pomerano contam hoje com diversas possibilidades de ouvir e interagir em sua variedade materna de imigração, seja com pessoas da mesma localidade e/ou de outras partes do Brasil. Todas essas ações, que existem graças ao engajamento dos descendentes, ajudam a manter a variedade ativa inclusive por meios tecnológicos, que promovem a manutenção e revitalização linguísticas, consequentemente, impactam em sua vitalidade.

Ao longo da pesquisa, fica claro que apesar de todas as dificuldades enfrentadas em diversos momentos da história, as práticas linguístico-identitárias permaneceram como forma de resistência à hegemonia linguística do alemão e do português, variedades de prestígio. A pressão que políticas linguísticas repressivas exerceram sobre o uso de variedades de imigração, também foram responsáveis pela perda de vitalidade do Pomerano em distintos momentos da história (MAZZELLI, 2019). Entretanto, o cenário atual é bem diferente. Com os dados colhidos durante pesquisa de campo e também com as diversas ações realizadas pela comunidade falante de Pomerano, observamos que há um engajamento da população em relação ao seu uso linguístico, o que corrobora os pressupostos do SUM (LEWIS; SIMONS, 2017). Em relação às escalas de vitalidade aqui expostas, com base nos resultados obtidos através de nossa pesquisa de campo, podemos considerar que o Pomerano em SMJ encontra-se na posição “Ameaçada (6b)” da EGIDS e como “Vulnerável” na escala da UNESCO (2003), uma vez que observamos a língua sendo usada por todas as gerações, mas não podemos afirmar que o uso oral da língua esteja em um estágio sustentável segundo os critérios de FAMED (LEWIS; SIMONS, 2017).

Em contrapartida, observamos a perda do uso linguístico do *Hunsrückisch* em Petrópolis, podendo ser considerada variedade “Extinta” nos termos da escala da UNESCO (2003) e também do EGIDS. Mas há que se destacar o vínculo identitário que existe na localidade em relação ao alemão, demonstrando que essa variedade para a comunidade pode ser caracterizada como “Dormente” nos termos da escala EGIDS, pois ainda há a associação da língua em manifestações culturais, como a *Bauernfest*.

Como vimos, as questões que envolvem a perda ou a manutenção de uma língua são complexas e passam muitas vezes por fatores externos aos fenômenos estritamente linguísticos, como políticos, históricos e sociais. Políticas linguísticas institucionais podem tanto favorecer a perda de uma língua em uma dada região, como favorecer o uso de uma língua minorizada em outra.

Assim como demonstrado neste artigo, o engajamento de uma população falante de uma língua minorizada é essencial para a manutenção da variedade linguística em questão, como no caso do Pomerano em SMJ. O atual é desafio dessas comunidades, que deve ter o protagonismo dessas ações, é o de continuar a promover o uso de suas variedades linguísticas criando estratégias eficientes que ajudem a salvaguardá-las para o uso de gerações futuras.

Há muito ainda a ser discutido, pesquisado e trabalhado acerca do tema vitalidade linguística e línguas em situação de minorização. Neste estudo, buscamos apresentar apenas um breve panorama sobre essas questões, que podem ser futuramente ampliadas em investigações mais extensas.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, C. V., et al. Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil – Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/projalma/wp-content/uploads/2014/08/eBook_Livro-do-Invent%C3%A1rio-do-Hunsr%C3%BCckisch_2018-1.pdf>. Acesso em: 10 de mar. 2020.

ALTENHOFEN, C. V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul*. Stuttgart: Franz Steiner, 1996.

BEILKE, N. S. V. Pomerano: uma variedade germânica em Minas Gerais, *Anais do SILEL*. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/6439210/POMERANO_UMA_VARIEDADE_GERM%C3%82NICA_EM_MINAS_GERAIS>. Acesso em 10 de abr. de 2020.

CALVET, L.-J. *As políticas Linguísticas*. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.

EBERHARD, D. M. Em defesa das línguas minoritárias no Brasil. In: Associação Internacional de Linguística, SIL – Brasil – Anápolis – GO, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/5769728/EM_DEFESA_DAS_L%C3%8DNGUAS_MI_NORIT%C3%81RIAS_DO_BRASIL>. Acesso em 10 de abr. 2020.

ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. In: *Annual Review of Anthropology*, n. 100, p. 41-87, 2012.

FRANCESCHETTO, C. *Imigrantes no Espírito Santo: base de dados da imigração estrangeira no Espírito Santo nos séculos XIX e XX*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014.

FISHMAN, J. *Reversing language shift*, Clevedon, UK: Multilingual Matters Ltd, 1991.

GILES, H., BOURHIS, R.Y. & TAYLOR, D.M. Towards a theory of language in ethnic group relations. In H. Giles (Ed.). *Language, Ethnicity and Intergroup Relations*. London, UK: Academic Press.1977, pp. 307-348.

GREGOR, V. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2000.

HÖHMANN, B. Sprachplanung und Spracherhalt innerhalb einer pommerischen Sprachgemeinschaft. *Eine sociolinguistische Studie in Espírito Santo/Brasilien*. Frankfurt: Peter Land, 2011.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019. Sinopse municipal. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/es/santa-maria-de-jetiba.html>>. Acesso em: 3 jan. 2020.

IPOLE. *Equipe do Inventário da língua Pomerana vai à campo no Espírito Santo*, 12, mar. 2019. Disponível em: <<http://ipol.org.br/equipe-do-inventario-da-lingua-pomerana-vai-a-campo-noespirito-santo/>>. Acesso em 3 jan. 2020.

KLOSS, H. *Abstand languages and Ausbau languages*. *Anthropological Language*, n.9, 1967, p. 29-41.

LAGARES, X. C. *Qual política linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos*. São Paulo: Parábola, 2018.

LEWIS, M. P., SIMONS, G. F. *Sustaining Language Use: Perspectives on Community-Based Language Development*. Dallas: SIL, 2017.

LEWIS, M. P.; SIMONS, G. F. Assessing endangerment: Expanding Fishman's GIDS. *Revue Roumaine de Linguistique* 55(2), 2010, p.103–120. Disponível em: <<http://www.lingv.ro/RRL%20202010%20art01Lewis.pdf>>. Acesso em 3 jan. 2020.

MAZZELLI, L. As políticas linguísticas monoglóssicas da Era Vargas: as proibições linguísticas em Santa Maria de Jetibá – Espírito Santo. In: SAVEDRA, M., PEREIRA, T., GAIO, M. *Repertórios Plurilíngues em Situações de Contato*. Rio de Janeiro: Edições LCV: LABPEC, 2019. p. 38 – 49.

MAZZELLI, L. *Ações Glotopolíticas em Santa Maria de Jetibá – ES: em evidência a Língua Pomerana*. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Orientadora: Mônica Maria Guimarães Savedra. Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense, 2018a.

MAZZELLI, L. *A pluralidade linguística em Domingos Martins, Espírito Santo*. *Percursos Linguísticos (UFES)*, v.08, p. 26-44, 2018b. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/21442/15609>>. Acesso em 20 ago. 2019.

MILROY, L.; LLAMAS, C. Social Networks. In: Chambers, J. K.; Trudgill, P.; Schilling-Estes, N., *The Handbook of Language Variation and Change*. Blackwell Publishing, 2013. p. 409-427.

MILROY J.; MILROY L. Linguistic change, social network and speaker innovation. In: *Journal of Linguistics*, v. 21, n. 2, p. 339-384. Cambridge, 1985.

POSTMA, G. *A Contrastive Grammar of Brazilian Pomeranian*. Amsterdam: John Benjamins, 2019.

QUAKENBUSH, S. J.; SIMONS, G. F. Looking at Austronesian language vitality and endangerment through EGIDS and the sustainable use mode. In: ARKA, I. W.; SERI MALINI, N. L.; PUSPANI, I. A. N. (eds) *Language documentation and cultural practices in the Austronesian world: papers from 12-ICAL, Volume 4*. Canberra: The Australian National University, 2015, p. 1-17. Disponível em: <https://openresearch-repository.anu.edu.au/bitstream/1885/13514/1/Papers_ICAL_Volume_4.pdf> Acesso em jan. 2020.

SAVEDRA, M.M.G.; MAZZELLI, L. A língua pomerana em percurso histórico brasileiro: uma variedade (neo)autóctone. In: *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 6-22, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2017v18n1p6>> Acesso em: 10 jan. 2020.

SAVEDRA, M.M.G.; ROSENBERG, P. Deutsche Einwanderung in Brasilien: Sprachrevitalisierung und Transkulturalisierung. In: JOHNEN, T.; SAVEDRA, M. M. G.; SCHRÖDER, U. (Orgs.), *Sprachgebrauch im Kontext – die deutsche Sprache im Kontakt, Vergleich und in Interaktion mit Lateinamerika/Brasilien*. Stuttgart: Ibidem Verlag, 2019. p. 215-247.

SCHMIDT, J. E. A língua alemã standard: uma variedade - três normas de oralização. Trad. Lucas Löff Machado. In: *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n.40, p. 28-58, jan./jun. 2017. [2005] Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87179/%2050003>> Acesso em 10 há. 2020.

SEIBEL, I. *Os pomeranos brasileiros. O povo pomerano no Brasil*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2016.

SIL International. Language Assessment: Language Vitality. 2020. Disponível em: <<https://www.sil.org/language-assessment/language-vitality>> Acesso em: 20 jan. 2020.

SIMONS, F. G.; LEWIS, P. M. The world's languages in crisis: A 20-year update In: MIHAS, E.; PERLEY, B.; REI-DOVAL, G.; WHEATLEY, K.(eds.) *Responses to language endangerment. In honor of Mickey Noonan*. Studies in Language Companion Series 142. Amsterdam: John Benjamins. 2013, p. 3–19. TALOIS, A. E. *História*. Disponível em: <<http://www.petropolis.rj.gov.br/fct/index.php/petropolis/historia>>. Acesso em 20 jan. 2020.

TEHAN, T.M.; MARKOWSKI, L. An evaluation of So Language in Thailand. *Journal of the Southeast Asian Linguistics Society*, JSEALS Vol. 10.1, University of Hawai'i Press, p. 45-66, 2017.

TRESSMANN, I. *Da sala de estar à sala de baile: estudo etnolinguístico de comunidades camponesas pomeranas do estado do Espírito Santo*. 2005. 335f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

TRESSMANN, I. *Dicionário enciclopédico pomerano-português / Pomerisch-Portugijsisch Wöörbauk*. Santa Maria de Jetibá: Secretaria de Educação, 2006.

TRESSMANN, I. Pomerano: Uma língua baixo-saxônica. In: *Educação, Cultura, Sociedade. Revista da Faese*, v. 1, p. 10- 21. Santa Maria de Jetibá, 2008.

UNESCO. *Language Vitality and Endangerment*, Paris, mar. 2003. Disponível em:<<https://ich.unesco.org/doc/src/00120-EN.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2020.

WEINREICH, Uriel. *Is a Structural Dialectology Possible?* *Word* 10, 1954: 388–400.

Recebido em: 28/10/2019

Aprovado em: 07/12/2019

Publicado em: 30/04/2019